



LITERATURA, VIOLÊNCIA E PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NO ROMANCE *PASSEIRO DO FIM DO DIA*

Jucelia Souza da Silva¹; Ricardo Magalhães Bulhões²

Resumo: Apresentamos a análise do romance *Passageiro do Fim do Dia*, de Rubens Figueiredo, no aspecto do protagonista da narrativa e sua figuração dentro do ato violento apresentado. Nosso objetivo é investigar de que maneira se plasma um sentido de violência na narrativa, como isso passa pelo narrador e quais as consequências disso sobre a personagem. De forma específica, procuramos descrever como se dá a configuração interior desse personagem, nos limites da análise literária, com a contribuição de categorias já dadas pela psicanálise. Assim, a metodologia traz a categoria de narrador como ponto de partida para observar suas convergências, ou não, com o ponto de vista da personagem em relação ao ato violento, de acordo com a proposta de Jaime Ginzburg (2012). Dessa forma, a personagem é diretamente relacionada ao narrador, apesar de distinta do mesmo na narrativa, onde quem vive a experiência é marcado pelo trauma e necessita que outro conte por ele sua história. Tomamos também as formulações de Antonio Candido (2019), Tânia Pellegrini (2018) e outros que pensam a relação entre literatura e vida social, assim como algumas noções da psicanálise em Freud (2011). Os resultados apontam o protagonista com um trauma e, ainda, como um sujeito melancólico.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Violência. Romance. Rubens Figueiredo.

LITERATURE, VIOLENCE AND PSYCHOANALYSIS: A POSSIBLE DIALOGUE IN THE END OF DAY PASSENGER ROMANCE

Abstract: We present the analysis of the novel *Passageiro do Fim do Dia*, by Rubens Figueiredo, in the aspect of the protagonist of the narrative and his figuration within the violent act presented. Our goal is to investigate how a sense of violence is shaped in the narrative, how it goes through the narrator and what the consequences are for the character. Specifically, we seek to describe how this character's inner configuration takes place, within the limits of literary analysis, with the contribution of categories already given by psychoanalysis. Thus, the methodology brings the category of narrator as a starting point to observe its convergences, or not, with the character's point of view in relation to the violent act, according to the proposal of Jaime Ginzburg (2012). Thus, the character is directly related to the narrator, although different from the same in the narrative, where those who live the experience are marked by trauma and need someone to tell their story for them. We also take the formulations of Antonio Candido (2019), Tânia Pellegrini (2018) and others who think about the relationship between literature and social life, as well as some notions of psychoanalysis in Freud (2011). The results point the protagonist with a trauma and, still, as a melancholic subject.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Violence. Romance. Rubens Figueiredo.

¹ Professora doutora – UFMS. ORCID ID: 0000-0001-7112-8675.

² Professor doutor – UFMS. ORCID ID: 0000-0001-7487-1480.

Rubens Figueiredo apresenta um texto que não paralisa na obscuridade das contradições sociais da narrativa, mas o posiciona ao lado de várias outras obras, que o acompanham no presente e também que o antecederam, e igualmente procuram pensar o tempo presente, ainda que não se possa apresentar de imediato respostas ou soluções.

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEM, 2009, p. 72).

Por isso, a concepção histórica, como já postulava Candido (2006), perpassa toda obra literária. O silêncio de Pedro, como personagem, está atrelado a muitas outras vozes silenciadas, que podem ter sua origem no contexto de formação histórica da sociedade que o concebeu. Nessa mesma linha, Regina Dalcastagnè (2008b) traz a reflexão da genuinidade discursiva na literatura, em seu ensaio "Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea". A crítica explica que,

[...] cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao *acesso à voz* e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao *lugar da fala*: quem fala e em nome de quem (DALCASTAGNÈ, 2008b, p. 78, grifos da autora).

É o caso dos sujeitos subalternos e marginalizados na sociedade que pouco ocupam voz e espaço no cenário da literatura. Dalcastagnè (2008b) se refere, nesse caso, tanto à construção de personagens nessa linha quanto de autores marginais e a questão de sua escrita ser ou não considerada literatura.

Em *Passageiro do Fim do Dia*, não existe um sujeito marginal. Pedro tem sua voz intermediada, assim como tantas outras personagens, por vezes por uma escolha de posicionamento do narrador que não necessariamente diz respeito à legitimidade de quem conta pela sociedade, mas simplesmente por algum outro efeito de sentido a ser construído na narrativa, como o suspense ou o mistério quanto às informações. No romance de Figueiredo, a personagem não ganha voz porque o efeito pretendido é o de que Pedro não é capaz de processar as diversas situações às quais é submetido, por certo abalo psicológico em razão do acidente que aconteceu no centro da cidade, e há lapsos em sua memória.

Dalcastagnè (2008b, p. 83), ao tratar dos escritores das cidades que escrevem para leitores da cidade, detecta que, quando inserem personagens como operários, empregada doméstica, ladrão, menino de rua e outros, “de modo geral, ao atravessar nossas narrativas, eles dizem muito mais de patrões e patroas, da polícia, dos profissionais liberais assustados com a violência ou condoídos pensando nos próprios filhos do que de sua vida e de seus problemas concretos”.

A melancolia se apresenta como um traço constante em diversas obras literárias brasileiras, concretizadas na apresentação de personagens de diferentes autores. A melancolia também é uma categoria que Ginzburg (2012a) traz da psicanálise para pensar a relação entre literatura e sociedade ou literatura e violência, pensando de um modo geral e específico, respectivamente.

O comportamento melancólico é caracterizado por um mal-estar com relação à realidade. Para ilustrar, é como se o sujeito se voltasse indignado: “como pôde me apresentar alguém para amar e depois tirar de mim?”. A realidade é observada como um campo de desencantamento e desconfiança. Contemplativo, o sujeito não se conforma com a perda. Embora objetivamente possa ter sido informado do que ocorreu, não aceita a situação, sendo seu objeto de amor insubstituível por qualquer outro (GINZBURG, 2012a, p. 12).

Esse traço melancólico também se faz presente em *Passageiro do Fim do Dia* quando o protagonista olha o mundo a sua volta e não parece contemplar um futuro promissor, não consegue se alegrar olhando para si tanto profissionalmente quanto afetivamente. Por seu olhar, nada remete à esperança. “O melancólico estaria portanto em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano” (GINZBURG, 2012b, p. 48).

Em *Crítica em Tempos de Violência*, Ginzburg (2012a) convida para o diálogo diversos autores que se voltam para a categoria do trauma. Entre eles, Idelber Avelar (2003), com o seu livro *Alegorias da Derrota*, que aponta a dificuldade de falar do presente de modo ordenado, por causa do peso de experiências do passado, das perdas sociais em regimes autoritários:

Dependendo do tipo de trauma e do seu grau de intensidade, uma vítima de estímulo traumático pode sofrer sequelas ao longo de sua vida. Se por um lado é habitual entender o trauma como um episódio individual, por outro, cada vez mais, é possível pensar em uma experiência de trauma coletivo. Um grupo, um segmento social, ou mesmo uma sociedade

inteira pode ser alvo de uma ação de impacto, sem ser capaz, coletivamente, de elaborá-la conscientemente, de modo a superá-la (GINZBURG, 2012a, p. 175).

A produção cultural na América Latina, segundo as indicações de Avelar, sofre um impacto intenso do trauma coletivo vivenciado, resultando como que em um trabalho de luto, na tentativa de lidar com essas mesmas experiências coletivas (GINZBURG, 2012a): “Entre o imperativo do luto e da promessa, estes personagens emergem da derrota para contar a história do sobrevivente e imaginar que o futuro não repetirá o passado” (AVELAR, 2003, p. 130).

É como conclui Ginzburg (2012a, p. 176): “A sociedade brasileira, precária em autoconsciência e articulação interna, não teria sido capaz de superar o horror acumulado em séculos”. “Trauma”, “luto” e “melancolia” são categorias que esses críticos tomam emprestadas da psicanálise para pensar a sociedade. No ensaio “Luto e melancolia”, da primeira metade do século XX, Freud (2011) apresenta o trabalho de luto como uma perda que o sujeito tem do objeto amado. Com base nesse assunto, ele apresenta o estudo da melancolia, mais complexa e extrema para o sujeito. Ou seja, a melancolia avança as proporções de sofrimento em relação ao luto, que é considerado algo natural na vida.

A melancolia desequilibra esse estado natural e leva o sujeito a um estado que o prejudica em sua vida cotidiana, podendo chegar a extremo grau de sofrimento, onde nada mais faz sentido.

Como explica Sandra Edler (2008, p. 25-26), “Ao estudar a melancolia, podemos vislumbrá-lo de forma mais ampla, observando a divisão do eu e seu fragmento implacável, o supereu, responsável não só pela observação e pela crítica de si – a consciência moral- como também pela crítica impiedosa contra o próprio eu”.

Isso, entendendo que o objeto de amor do sujeito se converte em si mesmo. O extremo do desalento se processa após o trabalho de luto, que não se resolve, que não é natural como uma fase da vida. É tomando por base esse conceito que Ginzburg (2012b, p. 11) traz para o estudo da literatura, ao perceber que “a ideia de violência ganha uma configuração muito peculiar quando aproximada do conceito de melancolia”.

Ao analisar a melancolia atrelada ao impacto da violência nesse contexto da literatura, Ginzburg define quem é o sujeito considerado melancólico em sua abordagem. Porém, o diferencial aqui é justamente nos estudos literários, a análise do impacto que

a violência causa não apenas na vítima, como também nos impactos sobre aqueles que estão ligados afetivamente a ela:

Vou abordar, neste livro, a melancolia em uma concepção específica. Dentro desta perspectiva, ela consiste em um resultado de uma perda (e, nesse aspecto, aproxima-se do luto). Uma perda afetiva – que pode ser a morte de uma pessoa amada, namorado(a), esposo(a), filho(a), pai ou mãe – envolvendo um afeto central para a vida do sujeito. Essa perda pode ser também a morte de um grupo de pessoas, o desaparecimento de um período de tempo que não volta – como a infância, na perspectiva de um adulto –, de uma situação afetiva. Ou o afastamento de pessoa(s), ou o distanciamento de um lugar (GINZBURG, 2012b, p. 11-12).

No caso do romance em análise, estamos diante de um sujeito que em vários momentos vai perdendo as oportunidades de “ser alguém com melhores condições”. A grande ferida se instaura no momento do acidente, mas não começa ali, como podemos observar na narrativa, quem sabe na desistência da faculdade. Não é exatamente o que ele perdeu de material ali na calçada, como veremos, mas sobretudo um pouco do que ele gostaria de ser. Ele vai perdendo a si mesmo durante sua trajetória.

Por isso, para o crítico, analisar a violência é também analisar o impacto que ela causa no sujeito, o que ele defende ser a empatia necessária. Assim, o estudo da violência está necessariamente atrelado ao estudo da melancolia. E, assim, valendo-se da leitura de *O mal estar da civilização* de Freud, Ginzburg apresenta o mal-estar da literatura, ressaltando a necessidade de o analista tratar da fragilização do eu. E isso é reconhecer, para além do aparente, também aquilo que está velado, inconsciente. Nessa perspectiva, Freud (2010, p. 24, grifos do autor) faz a seguinte reflexão em *O mal-estar da civilização*:

Talvez devêssemos nos contentar em afirmar que o que passou *pode* ficar conservado na vida psíquica, não tem *necessariamente* que ser destruído. De toda maneira é possível que também na psique elementos antigos sejam apagados ou consumidos – via de regra ou excepcionalmente – a tal ponto que não mais possam ser reacionados e restabelecidos, ou que em geral a conservação dependa de certas condições favoráveis. É possível, mas nada sabemos a respeito. Podemos tão só nos ater ao fato de que a conservação do passado na vida psíquica é antes a regra do que a surpreendente exceção.

Dentro desse contexto, o da psicanálise, trauma é uma ferida pela qual o sujeito rechaça uma felicidade não aceita por seu eu. Para além dos episódios naturais, esse rechaçamento interfere em sua vida fora de um limite saudável. Essa situação reprimida

pode manifestar-se em forma de diversas reações, como o medo e a agressividade. E todas as vezes em que algo parecido com o primeiro episódio se repete, ele se sente mal, ainda que não saiba a razão. E assim evita tocar a ferida que não foi curada. Na busca incessante de evitar, acaba sempre esbarrando em situações parecidas, como que para vivenciá-la de forma diferente.

Seu nome é Pedro. Na simbologia bíblica, do Novo Testamento, é o nome do apóstolo de Jesus que seria pela tradição considerado o líder dos Doze após a morte do mestre.

No contexto bíblico, o nome original desse apóstolo era Simão, que no hebraico quer dizer “ele ouviu”. Jesus tem um encontro com ele e imediatamente seu seguimento começou: “Levou-o a Jesus, e Jesus, fixando nele o olhar, disse: ‘Tu és Simão, filho de João; serás chamado *Cefas* (que quer dizer pedra)’” (BÍBLIA SAGRADA, 2009a, João 1, 42, p. 1384). Tempos depois, pouco antes do anúncio da Paixão, Jesus volta a enfatizar o nome desta personagem importante na formação da história cristã: “Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isto, [que Jesus era o Cristo] mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (BÍBLIA SAGRADA, 2009c, Mateus 16, 17-18, p. 1384).

Remetendo à imagem ou ideia de origem, Pedro bíblico é um dos personagens mais conhecidos da Igreja primitiva, quando o cristianismo ainda era uma das diversas seitas (ou segmentos) do judaísmo de então, quando os seguidores dessa nova vertente eram chamados de nazarenos.

Pedro, protagonista de *Passageiro do Fim do Dia*, traz o livro de Darwin nas mãos, que imediatamente remete ao conceito de origem também, quando falamos da teoria da origem das espécies. Que é uma das fontes de inspiração do Naturalismo do século XIX (a vertente mais radical do Realismo), que tinha uma das suas bases o cientificismo e também o determinismo alimentado pela teoria da evolução (não mais Deus ou os deuses que ditam o destino, mas as condições de sobrevivência naturais). Assim, o nome do protagonista traz várias indicações sobre quem ele é. Tanto no sentido de contradição, pois não parece desenvolver a personalidade de um líder; quanto no aspecto da negação ou rechaçamento que o acompanha. O livro que ele lê pode ser também visto como uma ancoragem na narrativa para a realidade, para a natureza humana, que filosoficamente será pensada também por Arendt (2007) no aspecto de condição humana.

Ele tem medo e prefere não ouvir os comentários dos demais passageiros, que desde a fila na parada do ônibus insinuavam que algo estava fora do normal. A leitura desse livro de Charles Darwin ou o rádio com fone de ouvido são suas ferramentas aliadas nesta tarefa de não conhecer o que virá, suas distrações. E a todo momento o leitor pode se perguntar então: De que Pedro teria medo? O que poderia estar ocorrendo no final da linha do ônibus?

Pedro bíblico, apesar de líder, também traz tradicionalmente o medo e a negação diante de um episódio decisivo no contexto messiânico de Jesus, sua prisão (também narrada em Lucas 22, 55-62 e João 18, 15-27):

Estando Pedro embaixo, no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote. Ela fixou os olhos em Pedro, que se aquecia, e disse: “Também tu estavas com Jesus de Nazaré”. Ele negou: “Não sei, nem compreendo o que dizes”. [...]. E imediatamente cantou o galo pela segunda vez. Pedro lembrou-se da palavra que Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás”. E, lembrando-se disso, rompeu em soluços (BÍBLIA SAGRADA, 2009b, Marcos 14, 66-68 a; 72, p. 1342).

Pedro do romance procura afastar de si a notícia de que algo ruim aconteceria logo, durante o trajeto do ônibus; tinha medo e, por isso, sua distração com outras coisas o ajudavam nesse processo de negar o que acontecia e se aproximava. Pedro do Evangelho negava o envolvimento com Jesus, pois sabia qual castigo estava reservado a ele e aos que fossem considerados cúmplices. Pedro temia a prisão e até mesmo a morte.

Em um dos estalos da memória, provocado pelo clima de insegurança e o murmurinho dos passageiros, despreendeu-se em Pedro (protagonista do romance) o incidente do passado que o marcara profundamente: Então era assim, pensou Pedro. Pronto, aí estava, era verdade, aconteceu comigo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 29-30).

Esta cena do acidente que deixara sequelas em seu corpo, não é expressa de uma só vez ao leitor. O narrador parece seguir o fluxo de sua personagem, conforme vão chegando as partes do episódio ao seu pensamento. A primeira lembrança é ainda nebulosa, sem revelar exatamente o quadro de como tudo aconteceu. Apenas esta impressão, sentir em si o que era sofrer um acidente.

A lógica cultural do capitalismo, como expõem os pós-modernistas (Fredric Jameson), por um lado, e a indústria cultural, por outro, como apresenta Adorno e as concepções da Escola de Frankfurt e mesmo os marxistas com a ideia de alienação, é

exatamente uma massificação de conteúdo, cuja lógica é o mercado. Até mesmo o momento de lazer, em que aparentemente o indivíduo teria a escolha, passa a ser controlado ideologicamente pelo que os meios de comunicação expressam. Esses, seguem a lógica do dono, que é a de cada vez mais obter maior lucro com sua mercadoria, ainda que esta seja a própria cultura.

Em seu ensaio *A lógica cultural do capitalismo*, Fredric Jameson (1997), dentro de uma concepção pós-modernista, argumenta que a detenção dos bens culturais sob poucas mãos vai bem além do financiamento.

[...] é neste ponto que devo lembrar ao leitor o óbvio, a saber, que a nova cultura pós-moderna global, ainda que americana, é expressão interna e superestrutural de uma nova dominação, militar e econômica, dos Estados Unidos sobre o resto do mundo: nesse sentido, como durante toda a história de classes, o avesso da cultura é sangue, tortura, morte e terror (JAMESON, 1997, p. 31).

A resistência ao controle dos bens culturais e econômicos é um questionamento do poder e, tanto na concepção dos pós-modernistas quanto dos marxistas, vai ser combatida com violência e imposição. Ainda que nossa abordagem para análise da obra literária parta de uma perspectiva da crítica social, procuramos apontar caminhos outros que não a violência para a transformação da sociedade. E mais que isso, demonstrar que a literatura pode sim contribuir para o pacifismo (que tanto Arendt quanto Ginzburg apresentam), quando desvela as estratégias que pretendem naturalizar tanto a desigualdade social quanto a violência como reação a ela ou como repressão à resistência.

Assim, os resultados da investigação revelam a personagem protagonista Pedro com um trauma e ainda como um sujeito melancólico. O trauma consiste no medo de qualquer confusão coletiva que possa resultar em ameaça física, como foi o seu acidente na rua durante o confronto entre policiais e ambulantes, que deixou algumas sequelas até mesmo no seu corpo. A ferida interior de Pedro, todas as vezes que uma ameaça de perigo se aproxima, é tocada, trazendo outras também emocionais, como os sucessivos fracassos em sua trajetória de vida. A grande marca que dói em seu tornozelo e o faz esquivar-se de ouvir a realidade de um perigo iminente é, na verdade, o reconhecimento de sua covardia, sua vulnerabilidade, seu fracasso diante de qualquer expectativa, sua ou dos outros sobre ele.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009. P. 57-73.

ARENDET, Hanah. **A condição humana**. 10 ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDET, Hanah. **Sobre a violência**. 10 ed. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

AVELAR, Idelber. **Alegorias da derrota**: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Encontro com os primeiros discípulos. In: **BÍBLIA SAGRADA**. 184 ed. Tradução de João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009 a, p. 1384.

BÍBLIA SAGRADA. Negação de Pedro. In: **BÍBLIA SAGRADA**. 184 ed. Tradução de João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009 b, p. 1342.

BÍBLIA SAGRADA. Pedro exprime sua fé em Jesus. Primeiro anúncio da paixão. In: **BÍBLIA SAGRADA**. 184 ed. Tradução de João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009 c, p. 1344.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DALCASTAGNE, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNE, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008.

EDLER, Sandra. **Luto e melancolia**: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (Para ler Freud).

FIGUEIREDO, Rubens. **Passageiro do fim do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund et al. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da cultura na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, 2012 a.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. São Paulo: Autores Associados, 2012 b.

JAMENSON, Fredric. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: JAMENSON, Fredric. **Pós- Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 27-79.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e realidade na literatura: um modo de ver o Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.